



“REPLANTAR SANTA DOCTRINA”: UM OLHAR COMUNICACIONAL SOBRE O DAIME

Dr. Francisco Aquinei Timóteo Queirós^{1*}, Msc. Bleno Caleb de Paula²
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5085-7668>

¹Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). Líder do grupo de pesquisa Narrativa, Literatura e Jornalismo (NALIJOR); ²Mestrando da Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), Rio Branco, Acre, Brasil.

[*francisco.queiros@ufac.br](mailto:francisco.queiros@ufac.br)

Recebido em: 19/02/2024; Aceito em: 01/06/2024; Publicado em: 30/07/2024
DOI:

RESUMO

O artigo investiga processos e fenômenos de comunicação presentes no Daime, doutrina cristã fundada por Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco, no Acre, na década de 1930, conhecida por fazer uso sacramental da ayahuasca, bebida de origem indígena e efeitos psicoativos, rebatizada com o nome de daime. Comunicação significa “tornar comum” e a própria ação comunicativa sugere a criação de uma comunidade, a partir da qual se estabelecem aspectos de interação social, cooperação, expressão cultural, repasse de valores e ensinamentos, vínculo afetivo, sentimento de pertencimento, etc. Ao promover a coletivização dos rituais com a ayahuasca, Mestre Irineu funda não apenas uma doutrina religiosa como também uma comunidade, da qual ele se torna o epicentro. Este artigo é fruto de pesquisa exploratória, valendo-se da revisão bibliográfica e da pesquisa participante, que pressupõe a inserção do pesquisador no ambiente do fenômeno observado. A conjugação dos fenômenos e processos contidos na comunidade, na oralidade e nos hinários permite evidenciar que são, antes de tudo, processos e fenômenos de comunicação.

Palavras-chave: daime; ayahuasca; comunicação; hinário; Mestre Irineu.

“REPLANTING HOLY DOCTRINE”: A COMMUNICATIONAL LOOK AT DAIME

ABSTRACT

The article investigates communication processes and phenomena present in Daime, a Christian doctrine founded by Raimundo Irineu Serra, in Rio Branco, Acre, in the 1930s, known for its sacramental use of ayahuasca, a drink of indigenous origin and psychoactive effects, renamed Daime. Communication means “making common” and the communicative action itself suggests the creation of a community, from which aspects of social interaction, cooperation, cultural expression, transfer of values and teachings, emotional bond, feeling of belonging, etc. are established. By promoting the collectivization of rituals with ayahuasca, Mestre Irineu founds not only a religious doctrine but also a community, of which he becomes the epicenter. This article is the result of exploratory research, using bibliographical review and participatory research, which presupposes the insertion of the researcher in the environment of the observed phenomenon. The combination of phenomena and processes contained in the

community, in orality and in hymnals makes it clear that they are, above all, processes and phenomena of communication.

Keywords: daime; ayahuasca; communication; hymnal; Master Irineu.

“Replantando la santa doctrina”: una mirada comunicacional al Daime

RESUMEN

El artículo investiga los procesos y fenómenos de comunicación presentes en el Daime, doctrina cristiana fundada por Raimundo Irineu Serra, en Rio Branco, Acre, en la década de 1930, conocida por hacer uso sacramental de la ayahuasca, bebida de origen indígena y efectos psicoactivos, rebautizada con el nombre nombre del daime. Comunicación significa “hacer en común” y la propia acción comunicativa sugiere la creación de una comunidad, a partir de la cual se establecen aspectos de interacción social, cooperación, expresión cultural, transferencia de valores y enseñanzas, vínculo afectivo, sentimiento de pertenencia, etc. Al promover la colectivización de los rituales con ayahuasca, Mestre Irineu funda no sólo una doctrina religiosa sino también una comunidad, de la que se convierte en epicentro. Este artículo es resultado de una investigación exploratoria, utilizando revisión bibliográfica e investigación participativa, que presupone la inserción del investigador en el ambiente del fenómeno observado. La combinación de fenómenos y procesos contenidos en la comunidad, en la oralidad y en los himnarios deja claro que son, ante todo, procesos y fenómenos de comunicación.

Palabras clave: daime; ayahuasca; comunicación; himnario; Maestro Irineu.

1. INTRODUÇÃO

Em um salão iluminado, homens e mulheres trajados de branco cantam e bailam ao redor de uma mesa de centro, cuidadosamente adornada com flores e toalha de renda. Em coro, as vozes se harmonizam e entoam as palavras do Mestre:

Eu vou cantar, eu vou cantar
De joelho em uma cruz
Eu vou louvar ao Senhor Deus
Foi quem me deu esta luz

Esta luz é da floresta
Que ninguém não conhecia
Quem veio me entregar
Foi a Sempre Virgem Maria

Quando ela me entregou
Eu gravei no coração
Pra replantar santa doutrina
E ensinar os meus irmãos

Eu agora recebi
Este prêmio de valor
De São José e da Virgem Mãe
De Jesus Cristo Redentor

Tenho fé de vencer
E ganhar com os meus ensinamentos
Porque Deus é Soberano
E ele é quem nos determina

(Hino 65 – Eu vou cantar, hinário O Cruzeiro, recebido por Mestre Irineu)

O hino 65 – Eu vou cantar, do hinário O Cruzeiro, recebido por Raimundo Irineu Serra (Mestre Irineu), apresenta elementos essenciais da doutrina do Daime, desde o processo de revelação deste caminho espiritual (Quem veio me entregar foi a Sempre Virgem Maria) até o propósito de replantar na Terra uma nova expressão do cristianismo (Pra replantar santa doutrina). Nesse hino, o conteúdo doutrinário é apresentado sob a forma de “luz” e de um “prêmio de valor” e é possível compreender, então, que este mesmo hino faz referência a diversos processos e fenômenos de comunicação que são inerentes à doutrina fundada por Mestre Irineu. Em primeiro lugar, o hino revela que houve um encontro entre o negro maranhense Raimundo Irineu Serra e o ser divino, espiritual, que se revelou ser a Virgem Mãe. Da magia do encontro, da presença e do reconhecimento, quer seja no plano material ou espiritual, houve um diálogo e a partir dele o repasse de uma instrução: replantar santa doutrina.

Empoderando-se da missão que recebeu, Mestre Irineu compartilha com seus irmãos o que aprendeu e abre o caminho para que outras pessoas tenham acesso a este prêmio de valor. Surge então a doutrina do Daime, cujo berço está assentado na região do Alto Santo, em Rio Branco (Acre), hoje denominada bairro Irineu Serra, que concentra quatro centros de Daime: o centro original criado por Mestre Irineu, Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (Ciclu – Alto Santo); Centro Rainha da Floresta (CRF), a primeira ramificação a partir do Ciclu – Alto Santo; Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Juramidam (Ciclujur), uma derivação do CRF; e Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado Maria Marques Vieira (Ceflimmavi), este, por sua vez, uma derivação do Ciclujur. A observação participante da pesquisa deste artigo se desenvolveu entre a irmandade do Ciclujur. A origem desse centro começa em 1994, quando Ladislau Nogueira, Luiz Mendes do Nascimento e Tufi Rachid Amim, acompanhados de seus familiares e outros companheiros, decidiram deixar o Centro Rainha da Floresta para fundar o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Raimundo Irineu Serra (Cicluris). Em 15 de fevereiro de 1998, o Cicluris foi rebatizado como Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Juramidam (Ciclujur).

Os centros de Daime do Alto Santo são considerados tradicionais da linhagem de Mestre Irineu, por serem, na medida do possível, fiéis aos rituais e práticas de trabalho deixados por ele antes de fazer sua passagem para o plano espiritual. Apesar de algumas ramificações, Albuquerque (2011) avalia que esses centros são “pouco expansionistas e menos numerosos, localizando-se, na sua maioria, no mesmo Estado do Brasil onde surgiram: o Acre. São, também, pouco afeitos a mudanças na religião, para além das orientações já estabelecidas pela

tradição doutrinária”. Para valorizar os atributos ambientais, culturais e religiosos da região, uma área de 908 hectares, que inclui as comunidades do Alto Santo e parte de três outros bairros adjacentes, foi transformada em Área de Preservação Ambiental, por meio do Decreto Municipal nº 500, de 7 de junho de 2005, da Prefeitura de Rio Branco. A APA Raimundo Irineu Serra (APA-RIS) foi criada com a finalidade de proteger e restaurar os ecossistemas naturais ao longo do Igarapé São Francisco e valorizar as manifestações culturais e religiosas da região. Sua gestão é responsabilidade da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, com a participação de um conselho deliberativo (NEVES; SOUZA, 2010).

À medida em que cresce no mundo todo o número de centros para consagração da ayahuasca, cresce também o número de profissionais, de diversas áreas do conhecimento, interessados em pesquisar a ciência dessa substância psicoativa que, segundo a antropóloga Beatriz Labate (2016), pode colocar o Brasil no epicentro do debate mundial sobre psicodélicos. Nesse contexto, o estudo do Daime e da ayahuasca tem se revelado um prisma de muitos ângulos de abordagem e a Comunicação também pode lançar seu olhar sobre este tema, por exemplo, ao analisar a representação do Daime na imprensa ou investigar os processos e fenômenos de comunicação presentes na doutrina de Mestre Irineu, como se propõe neste artigo. Para tanto, foi preciso vencer barreiras teóricas e metodológicas para abordar a doutrina do Daime no campo da Comunicação Social, como se esse tema não pertencesse à Comunicação ou como se não houvesse comunicação no Daime.

“Por vezes, confunde-se a comunicação com o mercado da comunicação” (PACE, 2009, p. 10), e os cursos, muitas vezes, dão ênfase à comunicação presente na difusão de informação via aparato tecnológico, na mídia, na imprensa, nas redes sociais. “A lógica da comunicação e a teoria da informação foram mobilizadas ambas para o serviço do todo-poderoso sistema tecnológico, cibernético e ciberespacial de circulação das mensagens, verbais, sonoras e visuais” (MOURÃO, 2002, p. 88). Com isso, a comunicação ganhou ares de um conceito genérico e esvaziado, perdendo o foco no que ela tem de mais essencial, que é a relação humana e a formação de agrupamentos humanos e comunidades, como o Daime.

Assim, o sentido de “comunicação” no senso comum, por mais vago ou intuitivo, nem por isso deixa de fazer sentido. Foi a sociedade que gerou, desenvolveu e generalizou uma ordem de processos que levaram à palavra “comunicação” como referência comum para sua designação – embora a palavra possa recobrir uma variedade mais ou menos indefinida de processos. Só podemos pensar no interesse em estudar tais processos partindo de sua existência social – e dos modos como os setores sociais o utilizam, acionam, desenvolvem (BRAGA, 2016, p. 89).

Martino (2014), citando os estudos dos britânicos Bryant e Miron sobre teoria e pesquisa em comunicação de massa, destaca a ausência de limites rígidos no campo da Comunicação, área de fronteiras indefinidas, na intersecção de vários conceitos, métodos e práticas vindas de outras áreas do conhecimento. Contudo, o autor reconhece que a pluralidade da disciplina “pode ser um problema quando se precisa apresentar um assunto e ninguém tem bem certeza do que se trata” e sugere que o ponto comum dessa questão é “pensar a realidade a partir das relações de comunicação ou, mais ainda, como as relações de comunicação podem se articular com as relações sociais”, que, por sua vez, estruturam a formação de uma comunidade (MARTINO, 2014, p. 14).

Dessa forma, o estudo da Comunicação não se restringe a assuntos ligados à mídia, à imprensa, à transmissão de informação por meios tecnológicos. Isso quer dizer que existe uma dimensão comunicacional que antecede a dimensão tecnológica e está presente na interação das pessoas e delas com o meio ambiente, uma vez que qualquer “relação social se estrutura sobre ações recíprocas diversas, e há um componente de comunicação em todas elas” (MARTINO, 2014, p. 14). Harry Pross, em sua Teoria da Mídia, estrutura a comunicação humana em três categorias: primária, secundária e terciária. A categoria primária, estágio comunicacional que é foco de análise deste artigo, se refere ao contato humano elementar e direto, marcado pela magia da presença, da proximidade e da vinculação no mesmo tempo e espaço (MENEZES, 2016). Harry Pross destaca que toda comunicação começa e termina no próprio corpo, ao que Cunha (2015) esclarece:

O corpo humano se comunica das mais diversas formas: a voz, o cheiro, os gestos, o gosto. Mas para que a comunicação primária aconteça, é preciso estar no mesmo espaço e no mesmo tempo do receptor. A mídia primária requer proximidade para funcionar e exige o tempo e o espaço do aqui e agora (CUNHA, 2015, p. 10).

Cunha (2015, p. 9) destaca a importância de analisar a comunicação de maneira integrada, considerando o entorno e o ambiente onde são “experimentadas as relações sociais, as vivências em comum, os sentimentos de pertencimento a uma comunidade”, que permitem vincular ou desvincular o sujeito de seu ambiente. O ato de comunicar, portanto, não se resume à simples transmissão de uma mensagem de um emissor a um receptor, mas tem função socializadora, envolvendo todo o contexto em que se dão as relações.

2. COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO

Leonardo Boff (2015, p. 328) diz que a compreensão de um conceito “não depende de uma explicação etimológica”, mas as palavras guardam em si “experiências fontais” e as “etimologias nos dão acesso a elas”. Seguindo em direção às raízes etimológicas dos termos, é possível perceber que existe um denominador comum de significados entre comunicação, comunidade e religião: a comunhão. O ato de comungar sugere a união de pessoas em torno de algo em comum. A comunidade é a comunhão humana, a religião é a comunhão divina, e em cada uma delas existem processos e fenômenos de comunicação que permeiam essas dimensões.

Do latim *communio*, o conceito primordial da comunicação é “tornar comum”. Mas, afinal, o que a comunicação torna comum? Ora, as relações humanas e, a partir delas, a cultura, o trabalho, a cognição, o contato com a natureza, a afetividade, o sentimento de pertencimento, a cooperação, a comunhão com Deus, a existência... O ato de tornar comum é o *modus operandi* da comunicação ou a própria ação comunicativa. A maior representação do que é a comunicação – ou como se manifesta o agir comunicativo – é a própria formação de uma comunidade. Do latim *comunitas.atis*, comunidade diz respeito àquilo que é comum. “Não há obrigatoriamente comunidade se as pessoas têm algo em comum, porém a comunidade só se manifesta a partir de atos visíveis, atos de comunicação, reveladores necessários da existência de elementos comuns entre os seres” (MOLES in MORAGAS, 1982, p. 121 apud MENEZES, 2016, p. 39-40). A consagração do daime (nas linhas de Mestre Irineu e Mestre Daniel) e do vegetal (na linha de Mestre Gabriel) é o elemento comum dessas doutrinas ayahuasqueiras¹, a partir das quais se originaram comunidades.

Os homens, negros trabalhadores, fundadores destas comunidades, ofertaram-nos uma doutrina de solidariedade, de irmanação, de amor ao próximo, de acolhida ao irmão necessitado e o bom aprendizado de que, das coisas simples da floresta podemos, se bem observar, reconhecer a grandeza do Deus Criador, ao mesmo tempo em que colhemos dela as ofertas para as nossas necessidades materiais, e o bom ensinamento para as nossas necessidades espirituais (BATISTA; NETO, 2010, p. 56).

O filósofo Vilém Flusser chama de religiosidade “nossa capacidade para captar a dimensão sacra do mundo. Embora ela não seja uma capacidade que é comum a todos os

¹ O Daime, a Casa de Jesus – Fonte de Luz e a União do Vegetal são consideradas linhas tradicionalistas de consagração da ayahuasca, uma vez que tradicional é consagração dos indígenas, originários no conhecimento sobre a bebida. A doutrina do Daime foi fundada por Raimundo Irineu Serra, em 1930. Em 1945, Daniel Pereira de Matos se afasta da sede de Mestre Irineu para fundar Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. Outro importante tronco ayahuasqueiro surgiu em 1961, quando José Gabriel da Costa fundou o Centro Espírita Benficiente União do Vegetal (UDV).

homens, é, não obstante, uma capacidade tipicamente humana” (FLUSSER, 2002, p. 13 apud ARAÚJO, 2012, p. 378). A religião, como universo simbólico e ambiente social que se desenvolve em determinado tempo e espaço (PACE, 2009), também tem sua dimensão comunicacional, que se dá em duas perspectivas: a vertical e a horizontal. A etimologia mais difundida da palavra religião sugere que o termo deriva do latim *religare*, isto é, a religação do ser humano com o ser divino, o fio que atravessa todas as pedras de um colar (BOFF, 2015), a fim de despertar a centelha divina que existe em cada um.

Para Mourão (2002), a religião é o lado místico da comunicação, porque diz respeito à comunhão do homem com Deus e sua elevação da condição terrena à dimensão macrocós mica do sagrado, o que corresponde à verticalização da comunicação no sistema religioso. A formação desse sistema, por sua vez, está relacionada à formação de uma comunidade e à união de pessoas que buscam pelo divino (PACE, 2009). Esse ambiente integrado de relações configura um ambiente de comunicação primária, de contato presencial, da vinculação no mesmo tempo e espaço, em que prevalecem os sentidos do corpo (MENEZES, 2016) e que corresponde à horizontalidade da comunicação no sistema religioso.

A comunhão proporcionada pela religião, seja em direção à verticalidade divina ou em direção à horizontalidade humana, também é um princípio da comunicação. A prática ritualística da comunhão representa a unicidade do homem com o divino. No Daime, o sacramento é uma bebida enteógena, isto é, que tem Deus dentro, e, portanto, quem a toma leva o divino para dentro de si (MACRAE, 1992). O divino presente no daime é o próprio Mestre Irineu, que deixou evidente sua consubstanciação com a bebida sacramental ao afirmar: “Eu sou o daime e o daime sou eu” (MOREIRA; MACRAE, 2011, p. 60). O daime (e a ayahuasca, de maneira geral), além de sacramento religioso para comunhão com Deus, atua como elemento agregador da comunidade.

Para Albuquerque (2011), a ayahuasca, como sacramento, contribui para a coesão grupal e a sociabilidade dentro das comunidades em que é consagrada, bem como fortalece a identidade social e o “retorno à herança cultural do grupo”, assumindo “um papel de introjeção de valores e normas de comportamentos socialmente esperados, papel esse que conta com a contribuição fundamental dos xamãs” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 144). Tais potencialidades da ayahuasca são observadas entre as etnias indígenas, entre a população mestiça ou cabocla e, posteriormente, entre as religiões híbridas, como o Daime, a partir das quais surgiram irmandades e comunidades. Resguardadas as diferenças ritualísticas de consagração, a ayahuasca guarda em si determinadas características e pedagogias que transcendem o contexto

do uso e os rituais aplicados, como se observa na coesão social. “O uso comunitário da ayahuasca permite, assim, reforçar as relações sociais e ampliar as sensações de intimidade pessoal entre os participantes, sensações essas que duram além dos efeitos da beberagem” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 143).

3. DAI-ME COMUNIDADE

Comunicação significa “tornar comum”, “transmitir”, “compartilhar”, e tem função socializadora que corresponde às relações humanas, às vivências em comum, ao sentimento de pertencimento a uma comunidade. Por meio da comunicação, os seres humanos organizam-se socialmente, expressam sua cultura e compartilham a existência e os recursos necessários para a manutenção da vida, transformando-se mutuamente e a realidade à sua volta. Diferente do xamanismo, o Daime é coletivo, isto é, Mestre Irineu promove uma coletivização dos rituais com a ayahuasca, que antes estavam dispersos no meio da floresta, em uma relação individualizada entre o buscador e o xamã, sendo que apenas este acessa o astral para alcançar a solução de um conflito ou a cura de uma doença. MacRae (1992) associa os rituais do Daime a um xamanismo coletivo e democrático, já que cada participante torna-se um xamã em potencial que pode acessar o astral e desvendar seus segredos.

O primeiro trabalho de hinário foi realizado no dia 23 de junho de 1935, véspera da noite de São João, no quintal da casa de Damião Marques e Maria Marques Vieira. Como ainda não havia bailado, os participantes cantaram sentados os poucos hinos recebidos até então. Cada hino era cantado três vezes e, ao final, repetia toda a sequência (MOREIRA; MACRAE, 2011). O hino *Refeição* foi cantando apenas no intervalo do trabalho, antes e depois da refeição, como o próprio título sugere, já que na ocasião havia uma mesa farta, com pamonha, canjica, pé-de-moleque, banana cozida, bolo de macaxeira, caiçuma e outras gostosuras da culinária acreana (NASCIMENTO, 2005). Como muitos seguidores eram migrantes nordestinos, o festejo de São João também rememora as festas populares do Nordeste, simbolizando a colheita e a fartura no sertão e, por isso, celebrada pelo povo nordestino com alegria, música, dança, fogueira, balão e bandeirinhas coloridas. O festejo de São João também é a manifestação de um fenômeno de comunicação, que está relacionado à memória, à herança cultural e à identidade de um povo.

Desde esse primeiro trabalho de hinário, o festejo de São João faz parte do calendário litúrgico do Daime, sendo considerada uma data auspiciosa para o fardamento, isto é, o processo de vestir a farda (roupa usada nos trabalhos) e tornar-se membro oficial de uma irmandade, um verdadeiro “soldado da Rainha” (expressão usada entre as comunidades do Daime). Aqui,

observa-se outro fenômeno de comunicação que é o sentimento de pertencimento a uma comunidade. O ato de vestir a farda representa a entrega e o compromisso com a doutrina de Mestre Irineu, algo similar a um batismo.

Foi entre a comunidade da Vila Ivonete, que Mestre Irineu passou a ser reconhecido pelos predicados de curador, em uma época em que a saúde era precária e poucos tinham acesso à medicina convencional, principalmente aquela gente humilde e carente que o rodeava (NASCIMENTO, 2005). Com gratidão e confiança, muitos que se curavam através do daime se convertiam à doutrina, levando consigo os familiares. Para Moreira e MacRae (2011, p. 150), o “tema da cura parece estar no âmago do Daime”, já que foi através dessa atividade “que Mestre Irineu constituiu o Daime e agregou em torno de si uma comunidade de seguidores, em constante crescimento. A cura, para ele e seus seguidores, se apresentava como uma espécie de missão”.

Com o aumento populacional da Vila Ivonete e o crescimento desordenado da cidade, Mestre Irineu transferiu sua moradia para a outra margem do Igarapé São Francisco, na parte alta da cidade, em uma área com cerca de quinhentos hectares da Colocação Espalhado, Colônia Custódio Freire. A mudança se deu em maio de 1945 e o local foi rebatizado como Alto da Santa Cruz, mais tarde abreviado para Alto Santo, onde Mestre Irineu efetivamente formou uma comunidade e trabalhou na consolidação do corpo doutrinário do Daime, com fardas, hinos, calendário de atividades e a construção de uma sede para a realização dos trabalhos de Concentração e Bailado.

Na comunidade de Mestre Irineu, é possível observar outro princípio da comunicação que é o senso de cooperação, o trabalho em conjunto, a soma dos esforços, a fim de alcançar um objetivo comum a todos os integrantes dessa comunidade. Nas pequenas e nas grandes atividades, desde a implantação de um roçado até a construção de uma nova sede, tudo era feito na base do mutirão, do adjunto, isto é, do trabalho coletivo de pessoas “sem muita escolaridade mas com diversos conhecimentos práticos da vida na floresta e na cidade” (ALVES, 2010b, p. 71). Ainda hoje, o Daime é uma doutrina essencialmente cooperativa e não se limita aos trabalhos de Concentração, Bailado e Feitio, inclui também trabalhos de cura, para quando algum irmão está doente, mutirão de limpeza e organização, realização de bazar para a arrecadação de recursos financeiros, aniversários e outras confraternizações. O trabalho e a celebração da vida são compartilhados por todos, o que favorece a criação de vínculos e relações afetivas, e desperta nos integrantes o sentimento de pertencimento a essa comunidade.

Aliás, a afetividade também pode ser considerada um fenômeno de comunicação, visto que decorre da proximidade, da disponibilidade para ouvir o outro, do reconhecimento mútuo, da busca efetiva pela compreensão e pelo bom entendimento entre as pessoas (MENEZES, 2016). Antônio Alves (2010a, p. 52) compara a irmandade religiosa a uma grande família, “com nossas brigas, nossas picuinhas e, também, nosso amor, nosso derramado carinho uns com os outros. Como uma casa cheia de crianças, sempre alegre e animada, de vez em quando, porém, alguém chora, porque cai e se machuca. É assim que vivemos”. A irmandade, além de estar intimamente ligada à afetividade, é também um fenômeno de comunicação.

O Daime, enquanto doutrina religiosa revelada do astral pela Virgem Maria, também se torna uma expressão da cultura e a manifestação da identidade de um povo, refletindo a formação social e o contexto político e cultural da época. Nesse sentido, Antônio Alves argumenta que a comunidade de Mestre Irineu não era apenas uma comunidade religiosa, como também um centro produtor de cultura, de saberes, de cidadania, composto por pessoas simples e até materialmente pobres, mas que carregavam consigo um “notável sentimento de honra” e a “consciência de que eram portadoras de uma história e uma memória de grande importância. Não se sentiam pobres ou carentes, mas plenamente cidadãos” (ALVES, 2010b, p. 72).

Sua Doutrina incentiva a vida em comunidade e o trabalho em mutirão. Na irmandade desenvolvem-se o conhecimento e a cultura. As pessoas aprendem a cantar e a tocar instrumentos, especialmente o violão. Precisam construir e manter instalações adequadas ao trabalho espiritual e muitos se tornam carpinteiros, pedreiros, artesãos, jardineiros, agricultores. Aprendem na floresta a tratar a saúde com ervas e plantas medicinais. Para fazer o Daime, é preciso conhecer os ciclos da natureza, saber distinguir o cipó e a folha, os períodos de crescimento e floração das árvores, um amplo conhecimento da floresta e da biodiversidade. Portanto, a comunidade formada pelo Mestre é um centro produtor de cultura. Ao mesmo tempo, é um centro de formação da cidadania, onde se orienta as pessoas para que não sejam ociosas, respeitem as leis, tenham bons hábitos e costumes moralmente aceitáveis, contribuindo para formar uma sociedade saudável, com valores de honestidade, trabalho, solidariedade e justiça (ALVES, 2011, p. 19).

Para Albuquerque (2011), a ayahuasca é uma planta [bebida] professora por excelência porque engendra uma ecologia de saberes que, articulados, estruturam a vida em comunidade, “saberes fundamentais na construção da identidade dos sujeitos envolvidos e na sobrevivência de suas tradições” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 168). Nesse sentido, a ayahuasca é, ao mesmo tempo, objeto do saber e produtora de saberes e conhecimentos. Tais características permanecem quando a bebida é consagrada no contexto religioso, já que, para a autora, toda religião funciona como uma escola, “tem uma tarefa essencialmente pedagógica e visa à transmissão de determinados conhecimentos tidos como verdadeiros. [...] Mas, se isso é mesmo

verdade, somente as religiões ayahuasqueiras têm como professor uma planta, ou uma bebida (daime)” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 170-171). Com efeito, o Daime se autodenomina como uma escola e Mestre Irineu é o professor, que ensina por meio dos hinários.

A cognição também se dá por processos de comunicação e o conjunto de saberes apreendidos na experiência com o Daime não se restringe à sua utilidade prática, instrumental, mas é aplicado à compreensão e transformação do próprio “eu”. A pedagogia da ayahuasca, tema central da pesquisa de Albuquerque (2006 e 2015), apresenta uma “forma singular de inteligibilidade do real, fincada na cultura, e com a qual os grupos usuários reinventam o cotidiano, criam estratégias de sobrevivência, comunicam-se, transmitem seus saberes e perpetuam valores, tradições e a própria vida” (ALBUQUERQUE, 2015, p. 234). Para a autora, esses saberes são, ao mesmo tempo, espirituais, práticos, medicinais, divinatórios, sociais, políticos, artísticos, filosóficos e morais.

Na trilha dessa reflexão, argumento que a ayahuasca configura-se como uma prática ligada à produção da vida e reprodução social, na qual indivíduos se formam e dão continuidade às suas existências. Por meio desta beberagem um conjunto de saberes e códigos são transmitidos e apreendidos, configurando-a como uma situação de comunicação e aprendizagem. Como prática do beber, a ayahuasca se liga a uma prática alimentar. [...] Para além das necessidades exclusivamente nutritivas, a alimentação expressa escolhas culturais, configurando-se como elemento essencial da estruturação social dos grupos e de expressão de identidades (ALBUQUERQUE, 2011, p. 220).

Não é objetivo deste artigo aprofundar os saberes apreendidos na vivência com o daime (bebida) e no Daime (comunidade), mas é importante destacar o aprendizado do canto, do bailado, a memorização dos hinos, o toque de um instrumento, o maracá, e o próprio preparo (feitio) do daime. O Trabalho de Feitio é a transformação da natureza em doutrina, ou seja, é um fazer cultural que também pode ser compreendido como processo de comunicação. A ayahuasca não existe na natureza, o que existe é o cipó *Banisteriopsis caapi* e a folha *Psychotria viridis*, que são levados ao fogo e, após um longo cozimento, dão origem ao daime. O preparo vai além de um simples cozimento, uma vez que obedece a uma série de preceitos deixados por Mestre Irineu, conforme ele recebeu da Rainha da Floresta. Para o Feitio, é preciso dominar alguns saberes, como a identificação das plantas na mata, a lua adequada para colheita, a dosagem equilibrada de folha e cipó, a arrumação na panela e a madeira adequada para lenha.

Durante essa atividade, ocorre um fenômeno de comunicação relacionado à mediunidade. Em cada preparo, existe um feitor responsável pela panela, isto é, quem realiza a ordenação e arrumação da folha e do cipó, determina a quantidade de água e a duração dos processos de cozimento e apuração do daime. Esse feitor responsável indica o momento certo

de tirar a panela do fogo, levando em conta fatores físicos, como o volume e a viscosidade do líquido. Mas quem “dá o ponto” do cozimento e da apuração do daime é o Divino. O feitor recebe essa mensagem através da miração, da intuição, de uma voz que sopra no seu ouvido, ou de qualquer outro sinal mediúnico, que pode variar de pessoa para pessoa.

4. COMUNICAÇÃO PELA ORALIDADE

No Daime, as tradições e os ensinamentos são repassados pela linguagem oral, partindo de Mestre Irineu para as sucessivas gerações que se formaram ao longo do tempo, contribuindo para a permanência da doutrina e a formação de uma memória ao mesmo tempo histórica e mítica, que parte do homem Raimundo Irineu Serra para o Chefe Império Juramidã (seu nome espiritual) (GOULART, 1996). Embora muito se escreva sobre o Daime e documente sua história e sua cosmologia, foi em torno da palavra falada e cantada que se organizou a comunidade espiritual, através de sons, gestos, olhares e corpos em movimento (ALBUQUERQUE, 2010). Eram homens e mulheres da “fala cabocla”, com nível de escolaridade muito baixo, alguns até analfabetos, que “ouviam as mensagens do mestre e internalizavam seus conhecimentos; “recebiam” os hinos e cantavam para os outros ouvirem; os que ouviam, repetiam, entoavam, cantavam, dançavam, e os produziam/reproduziam em seus corpos” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 120).

Esse é outro aspecto democrático do Daime: o domínio da linguagem escrita não faz falta para a inteligibilidade da mensagem, mesmo quem não sabe ler pode tomar daime e visualizar o que ensina a doutrina, bem como “aprender de ouvido” a mensagem dos hinos, através da repetição e da memorização. O corpo doutrinário do Daime se apresenta na forma de hinários, isto é, um conjunto de hinos (cânticos), “recebidos” (canalizados, ancorados) mediunicamente do “astral”, quase sempre por efeito da miração e da intensa experiência do receptor. Embora seja mais comum receber um hino tomando daime, isso também pode acontecer em sonho ou por intuição, no cotidiano (RABELO, 2013). O ato de receber um hino quer dizer que ele já vem “pronto do astral”, não envolve um processo de criação e composição por parte de quem recebe, e sua mensagem é tida como a manifestação da verdade:

[...]
Os meus trabalhos é no astral
Trago a verdade, ela limpa em cristal
Mas ninguém liga importância
Aos ensinamentos da Virgem Divinal
[...]
(19 – *A minha Mãe me procurou*, hinário O Mensageiro, de Maria Damião)

[...]

As palavras que eu disser
Aqui perante a este poder
Estão escritas no astral
Para todo mundo ver

[...]

(78 – *Das virtudes*, hinário O Cruzeiro, de Mestre Irineu)

Cinco hinários compõem o corpo doutrinário do Daime, seu cânone oficial, uma espécie de “terceiro testamento”, como relatam Goulart (1996), Albuquerque (2011) e Rabelo (2013). São eles: O Cruzeiro, de Mestre Raimundo Irineu Serra, com 132 hinos; Vós Sois Baliza, de Germano Guilherme dos Santos, com 52 hinos; Seis de Janeiro, de João Pereira de Lima, com 44 hinos; O Mensageiro, de Maria Marques Vieira, com 49 hinos; e O Amor Divino, de Antônio Gomes da Silva, com 39 hinos.

Oliveira (2008) considera que os hinos são, ao mesmo tempo, o conteúdo doutrinário, a mensagem divina, e o veículo de transmissão e compartilhamento dessa mensagem, apresentando “seus códigos, mandamentos, leis, materiais e espirituais, recebidos pelos homens, mas inspirados por Deus para fazer cumprir seus desígnios e transmitir os ensinamentos divinos” (OLIVEIRA, 2008, p. 92). Os hinos são cantados e bailados com acompanhamento musical, ao ritmo da batida do maracá (instrumento de origem indígena) em três passes de baile: valsa, marcha e mazurca, que determinam os movimentos de baile.

É a Virgem da Conceição quem entrega a Mestre Irineu o primeiro hino da doutrina, *Lua Branca*, uma valsa de louvor à Mãe Divina, já evidenciando dois aspectos que se tornariam marcantes na doutrina. O primeiro é a posição central que Nossa Senhora da Conceição ocupa no Daime, sendo cultuada e louvada pelos adeptos como mãe soberana, rainha, imaculada. O segundo é o fato de o Daime ser uma doutrina essencialmente musical de transmissão oral. “Os hinos expressam o contato do daimista com a realidade sagrada, são revelações divinas manifestadas em forma musical. [...] e o conteúdo das mensagens trazido na forma de poesia musicada expressa a base religiosa e filosófica da doutrina” (BOMFIM, 2006, p. 2). Bomfim (2006) considera ainda que o hino *Lua Branca* simboliza o rito de iniciação de Mestre Irineu para “se tornar o mestre fundador de uma escola espiritual. Essa escola [...] é organizada na forma de um ritual que envolve orações, cânticos, bailados e a ingestão da ayahuasca como um veículo sagrado e fundamental para a recém-criada doutrina” (BOMFIM, 2006, p. 6).

Embora não se saiba com precisão a data e o contexto em que o primeiro hino foi recebido, ele está relacionado ao mito fundador por ser o primeiro de um conjunto de 132 hinos

recebidos por Mestre Irineu e que compõem seu hinário O Cruzeiro. Segundo relatos de Nascimento (2005) e de outros seguidores da doutrina, ao receber o primeiro hino, Mestre Irineu ficou surpreso por não saber cantar, ao que a Rainha teria respondido: “Abra a boca e cante!” E então Mestre Irineu cantou os seguintes versos:

Deus te salve oh! Lua Branca
Da luz tão prateada
Tu sois minha protetora
De Deus tu sois estimada

Oh! Mãe Divina do coração
Lá nas alturas onde estás
Minha Mãe, lá no céu
Dai-me o perdão

Das flores do meu país
Tu sois a mais delicada
De todo o meu coração
Tu sois de Deus estimada

Oh! Mãe Divina do coração...

Tu sois a flor mais bela
Aonde Deus pôs a mão
Tu sois minha advogada
Oh! Virgem da Conceição

Oh! Mãe Divina do coração...

Estrela do universo
Que me parece um jardim
Assim como sois brilhante
Quero que brilhes a mim

Oh! Mãe Divina do coração...

(01 – *Lua Branca*, hinário O Cruzeiro, de Mestre Irineu)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da religião, é possível comparar metaforicamente a comunicação como um espírito, algo invisível, que somente se torna visível a partir do que ele manifesta, anima e dá vida. Em sentido amplo e primário, comunicação é interação, socialização, vinculação, conexão, comunhão entre os seres e deles com a natureza, diz respeito a relações que se estabelecem em determinado contexto. “Do latim *communio*, “tornar comum”, o conceito de “comunicação” significa ao mesmo tempo “transmitir” e “compartilhar” (MARTINO, 2014, p. 14). Por meio da comunicação, os seres humanos compartilham a existência, se organizam socialmente e expressam sua cultura, o que implica em transformação da realidade e do contexto social no qual estão inseridos.

Neste quesito, identificamos um processo fundamental de comunicação presente no Daime, tendo em vista que a doutrina está assentada no princípio de comunidade. Princípio porque desde sua revelação, estruturação e formação, Mestre Irineu criou em torno de si uma comunidade, que agregava pessoas com um propósito comum. O elemento agregador da comunidade fundada por Mestre Irineu é a consagração do daime, beberagem de efeitos psicoativos que ele ressignificou a partir de um contexto indígena e tradição xamânica para um contexto urbano e tradição cristã, promovendo a coletivização dos rituais da ayahuasca, que até então eram dispersos na floresta, em uma relação individualizada entre o buscador e o xamã (RABELO, 2013). É preciso considerar ainda que a própria figura de Mestre Irineu era a base de toda a organização comunitária que se formou, já que foi em torno e a partir dele que se estruturou um modo peculiar de princípios, valores e regras de conduta para seus adeptos.

Pelo exposto, observa-se que, embora o Daime seja uma doutrina revelada do astral pela Virgem Maria, Mestre Irineu vai talhando sua construção de forma gradual ao longo de toda a vida, suscetível à influência de outras linhas espirituais e refletindo a formação social e o contexto político e cultural da época. Sua doutrina é viva e está aberta para o futuro, porém, guardando suas raízes históricas, principalmente na memória daqueles que conheceram e conviveram com Mestre Irineu.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Escutar interpretações e interpretar: memórias do “povo da ayahuasca”. In: NEVES, Marcus Vinícius Santana; SOUZA, Maria Leudes da Silva. **Comunidades Tradicionais da Ayahuasca** – construindo políticas públicas para o Acre. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2010.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Epistemologia e saberes da ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

ALVES, Antônio. Comentário de Antônio Alves. In: NEVES, Marcus Vinícius Santana; SOUZA, Maria Leudes da Silva. **Comunidades Tradicionais da Ayahuasca** – construindo políticas públicas para o Acre. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2010a.

ALVES, Antônio. O cidadão Irineu Serra. In: NEVES, Marcus Vinícius Santana; SOUZA, Maria Leudes da Silva. **Comunidades Tradicionais da Ayahuasca** – construindo políticas públicas para o Acre. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2010b.

ARAÚJO, Marlson Assis de. **A ecologia flusseriana da Comunicação: ideias e conceitos chave**. Intercom, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n2/19.pdf>. Acesso em: 27 fevereiro 2017.

BATISTA, Frank; NETO, Francisco Hipólito de Araújo. Comunidades Tradicionais da Ayahuasca: o momento é de gratidão. In: NEVES, Marcus Vinícius Santana; SOUZA, Maria Leudes da Silva. **Comunidades Tradicionais da Ayahuasca** – construindo políticas públicas para o Acre. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2010.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOMFIM, Juarez Duarte. **O jardim de belas flores do Mestre Raimundo Irineu Serra**. Salvador, 2006. Disponível em: http://portalsantodaime.com.br/materia_especifica.php?idmateria=1. Acesso em: 07 março 2019.

BRAGA, José Luiz. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. Capítulo I – Reflexões sobre a formação do pesquisador. In: **Pesquisa em Comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. **Ativismo e Ecologia da Comunicação nos Movimentos Sociais**: o corpo como protesto. *Quanta Comunicação e Cultura*, v. 01, n. 01, 2015. Disponível em: <https://www.aedb.br/publicacoes/index.php/comunicacao/article/view/8/8>. Acesso em: 29 maio 2019.

GOULART, Sandra Lúcia. **A história do encontro de Mestre Irineu com a Ayahuasca**: mitos fundadores da religião do Santo Daime. Dissertação de mestrado, capítulo 04. 1996. Disponível em: http://www.neip.info/downloads/t_sandra_encontro.pdf. Acesso em: 21 abril 2019.

LABATE, Beatriz Caiuby. **Is Brazil the New Epicenter of Psychedelic Science in the World?** HuffPost, 20 junho 2016. Disponível em: https://www.huffingtonpost.com/bia-labate/is-brazil-the-new-epicent_b_10530594.html. Acesso em: 13 fevereiro 2019.

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua**: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. São Paulo: UNI, 2016.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Eu venho de longe**: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA, 2011.

MOURÃO, José Augusto. **Comunicação e religião**: o fantasma de uma oportunidade. Os media e o acontecimento religioso. *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, ano I, nº 2, p. 85-91, 2002. Disponível em:

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4656>. Acesso em: 12 junho 2019.

NASCIMENTO, Saturnino Brito do. **No brilho da Lua Branca**. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. **Santo Daime – o professor dos professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos**. Tese (doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará. 222 p. Fortaleza, 2008.

PACE, Enzo. **Narrar a Deus: a religião como meio de comunicação**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 24, núm. 70, junho, 2009, p. 09-15. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v24n70/a01v2470.pdf>. Acesso em: 12 junho 2019.

RABELO, Kátia Benati. **Daime música: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina do Daime**. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música. 227 p. Belo Horizonte, 2013.